

Biblioteca do Senado Federal

Agonia do Povo
e os Funerais da Republica

Malvino Reis

AGONIA DO POVO

E OS

Funeraes da Republica

COLLEÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS NO "JORNAL DO COMMERCIO"

PELO CORONEL

Malvino Reis

RIO DE JANEIRO

TYD. DO "JORNAL DO COMMERCIO" DE RODRIGUES & C.
1899

30

AGONIA DO POVO

E OS

Funeraes da Republica

COLLECÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS NO "JORNAL DO COMMERCIO"

PELO CORONEL

Malvino Reis

V
341.23
R375
Adp
1899

RIO DE JANEIRO

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO" DE RODRIGUES & C.
1899

~~BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL~~

~~Este volume acha-se registrado
sob número 2683
do ano de 1974~~

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob o número 847-F
de ano de 1970

OUAÇAO

de
Clus de - Valvira R.S.



AGONIA DO POVO

E OS

FUNERAES DA REPUBLICA

I

Os povos contam dias de infortunios. Nestas phases de sua existencia são lentas as agonias e terriveis decepções...

O povo brasileiro passa neste momento por uma dessas phases crueis. A Republica tornou-o victima inconsciente e pusillanime.

Em quanto elle soffre, os funeraes da instituição republicana — hybrida e absurda—já se preparam para se realizar quando soar a hora fatidica: até lá abate por todos os meios a vida deste povo e devora o seu organismo financeiro.

Em verdade um paiz novo, abundante de recursos naturaes e que promettia um futuro cheio de vitalidade, vê tudo ser sacrificado pela pessima direcção de uma fórmula de governo que já nos tem de mais infelicitado.

De onde virá esse mal, cuja origem desejára poder supprimir? E' bem provavel que esteja nos homens; não os ataco, porque bem sei que não podem fazer milagres; não dissimulo, julgo que todo mal vem da instituição, que é por natureza insustentavel.

Cada povo tem a fórmula de governo que mais lhe convem; é essa a idéa geralmente professada e só com essa fórmula poderá attingir ao gráo de prosperidade e ao desenvolvimento de suas liberdades civis e politicas, que são indispensaveis á sua grandeza e civilisação.

Ora, se essa idéa é verdadeira e deve ser observada, releva notar que a fórmula republicana está em completo desaccôrdo com a indole do povo brasileiro; por consequente, não lhe póde convir, e é inteiramente contraria ás aspirações de sua felicidade, ao progresso material e à grandeza moral, que constituem o seu destino de nação livre no continente americano. A historia prova que o povo

brazileiro foi educado no regimen do governo constitucional e parlamentar, isto è, regimen de governo da razão esclarecida pelos debates no Parlamento e pelas discussões na imprensa, onde as questões quer sociaes, quer financeiras, emfim politicas eram decididas com sabedoria pelo Chefe do Estado e pelo Parlamento.

Nesse regimen dois partidos, constituídos pelos elementos mais capazes, eram como que as sentinellas vigilantes e sempre alertas na defeza dos interesses da Nação e dos direitos imprescritiveis do cidadão, revezando-se na administração do Estado resolviam todos os negocios sem perturbar a marcha pacifica, sem agitar as profundezas dos abysmos das guerras e revoluções civis, que produzem só males.

A Republica presidencial é, á vista da indole, temperamento e educação do povo brasileiro, evidentemente insustentavel e por uma lei fatal ha de cahir por si mesma, mais cedo ou mais tarde — méra questão de tempo.

Se ao menos nos houvessem dado, ou imposto a Republica parlamentar, provavelmente outra teria sido a nossa sorte, porque pouco differia das fórmulas governamentaes do Imperio, as quaes a

Nação já estava acostumada. Então o Governo seria obra do Congresso, que representaria a vontade real da Nação e Governo e Congresso teriam muito mais força moral e tudo seria decidido pelo o bem publico. Sem duvida o Congresso representante da vontade nacional, daria ao Governo a conveniente orientação, de accôrdo com as necessidades sociaes, com as aspirações progressivas da civilização moderna.

Em lugar desse regimen, temos um governo pessoal, expressão poderosa e indomavel da vontade de um só homem, que ás vezes póde não reunir os predicados necessarios para o desempenho da difficil e ardua missão de que se acha investido. Sem ministros responsaveis, sem os contra-pesos legaes, que o regimen parlamentar da Inglaterra estabeleceu victoriosamente e que tem concorrido para sua grandeza de poderosa nação, um Presidente de Rpublica é tão irresponsavel e absoluto como qualquer Sultão da Turquia.

Por seu turno os ministros são escolhidos pelo simples criterio do Presidente; ora, se fôr esclarecido e bem intencionado póde a escolha recahir em homens dignos e aptos ao exercicio do

cargo, mas, se fôr o contrario, não ha para onde appellar. O paiz, com a resignação, do escravo submisso, ha de ver-se condemnado a soffrer taes ministros—ou que não sabem governar—ou que abusam do poder.

No regimen parlamentar nós vimos, por nossa propria experiencia, que os ministros sahiam do Parlamento, onde nos debates davam exuberantes provas do seu talento, illustração e titulos á confiança, á estima, á veneração de seus compatriotas. No regimen do governo pessoal quem ha ahi que pôde saber o que valem realmente ministros, que não vão á tribuna provar e demonstrar o seu direito de governar os outros homens, porquanto o que legitima o exercicio desta nobilissima funcção de reger os povos é a capacidade para bem servir a causa publica.

Na hypothese de incapazes os ministros são apeados do poder, porque o Parlamento toma-lhes contas e os annulla immediatamente.

Um ministro parlamentar é uma força sob diversos pontos de vista: 1º, pela origem do seu poder, porque é o representante da vontade nacional pelo Parlamento; 2º, pela permanente

prova de sua superioridade intellectual, sua eloquencia, seu prestigio nos debates; 3º, pela sua responsabilidade, que o consubstancia com o poder.

Muitas outras razões revestem o ministro parlamentar de grande autoridade, como procuraremos estudar e apreciar no outro artigo.

II

No regimen presidencial ha só um pensamento permanente da parte dos presidentes, isto é atravessar o periodo constitucional. A vida nacional não tem para elles outros intuitos. Que lhes importa o futuro, que por virtude da lei não lhes pertence? O que podem elles aspirar mais do que a hora presente? Elles poderão dizer, como um estadista out'ora em França—*après moile deluge*—ou em nossa linguagem vulgar—quem vier depois que feche a porta.

Evidentemente um systema de governo desta ordem não póde fazer a felicidade publica. O exemplo dos Estados Unidos da America não tem applicação

ao Brazil. Os elementos organicos daquelle povo muito differem do nosso. A sua historia ahi está para proval-o ; a adaptação não se faz de improviso.

Eis porque é dolorosa a nossa situação ; eis por que o paiz agonisa no presente e caminha para o desconhecido.

As condições da integridade nacional foram sacrificadas ao regimen da federação. De tudo quanto possuia despojou-se a União e sobrecorregou-se do passivo e sem activo nenhum.

Os Estados, que tiveram grande herança na partilha do espolio têm procedido como os filhos prodigos e em geral dão o espectaculo de admnistrações, como a do Amazonas, que servio de escandalo á Nação inteira. O caso de Fileto ainda não se apagou da memoria dos contemporaneos. As malversações, os desperdicios, a mania das emprzas de interesses privados inconfessaveis, o abuso do credito são factos innegaveis ; dahi provém que quasi todos os Estados acham-se oberados de avultadas dividas, que pesam sobre as gerações presentes e futuras. Elles receberam do regimen passado as mais favoraveis condições para o desenvolvimento do progresso material e moral.

A União, também, por sua vez dá máos exemplos, tem esbanjado o patrimonio accumulado ; está a hypothecar e até a vender tudo. A herança deixada pelo Imperio é assim devorada, ou malbaratada pela incuria criminosa dos que governam a Republica, que tem razão de sobra para queixar-se dos seus homens politicos. Póde-se dizer mesmo que nem a prata da casa escapou . . .

Todos sabem dentro e fóra do Brazil que a emissão do papel-moeda circulante elevou-se a mais do triplo ; influindo perniciosamente na vida economica, commercial e agricola.

A administração publica tem sido nessa ordem de cousas deploravel ; ella sómente se notabilisa pela negação do direito, pela violação das leis e por todos os males, que costuma fazer em damno das garantias da liberdade individual e da propriedade. Cada Estado tem differente organização de justiça, o que é contrario á ideia capital da integridade nacional.

Se esta situação do paiz é incontestavel ; se estes e outros males são innegaveis ; se o clamor publico já altamente os está denunciando, é de esperar que haja um paradeiro a essa anarchia governamental, que arruina o paiz.

A paciência dos povos tem limites e o desespero os arrasta para fóra da senda da ordem, da paz e do respeito ; então o poder publico perde a sua legitimidade. Cumpre que todos os bons patriotas, procurem evitar esses horriveis males, cooperando para restabelecer uma ordem de cousas regular e fecunda em paz e prosperidade nacional.

Quando um governo não ouve os gemidos do povo, que debate-se em lenta agonia, esse governo, ou é barbaro e insupportavel, ou deve ceder o lugar a outro que seja capaz de fazer e promover a felicidade publica.

Governar, no seculo áctual, é uma difficil tarefa; todas as faculdades da intelligencia humana acham nella o mais arduo emprego.

Os povos soffreram muito, querem ser livres e felizes, e não permitem que os seus destinos corram á mercê do acaso.

A força, que era o apanagio do despotismo, deve estar, ao contrario, ao serviço da justiça e do direito, da razão e da verdade.

Cumpre lembrar que, não ha muitos annos, um eminente estadista francez dizia: « O povo, quando bem dirigido, é um cordeiro ; mas, quando os governos abu-

zam do poder, esse mesmo povo torna-se indomito leão. »

Ora, se os governos postergam os direitos, violam as leis; menosprezam o bem publico e sómente fazem a politica dos grupos interesseiros, a politica do capricho, deixam de cumprir a sua elevada missão e provocam as coleras dos povos que procuram salvar-se dos lances do desespero.

Os governos da nossa mal aventurada Republica já tem demais abusado do poder e tratado só de si e nada mais, e a prova está no descontentamento geral. Todas as classes sociaes gemem sob o peso dos impostos, lutam pela vida, gritam contra a carestia de todos os generos necessarios ao consumo do pobre e do rico.

Com que dolorosa agonia todos que trabalham e que custam a viver, contemplam as fogueiras que incineram o papel-moeda, que representa o producto do suor de cada um, arrancado pelo imposto, que cada vez cresce mais, para encher as arcas vasiaas do Thesouro!

O momento actual é de sacrificio e de civismo, é de prudencia e resignação, mas impõe a todo bom patriota o dever de dizer a verdade e de falar em nome do bem publico.

III

Nestes artigos— apontando os sofrimentos do povo nessa lenta agonia, em que se estorce sob o regimen da Republica, que em vez de fazer o bem nacional, ao contrario tem produzido profundos males— não é possivel deixar de tocar na apparatusa recepção do illustre Chefe da Republica Argentina.

Uma vez que elle procura o nosso paiz, todos que vivem e fazem parte da nossa sociedade, devemos acolher com respeito e com a mais elevada consideração e estima.

As provas exuberantes de fina cortezia não são de mais: o que evidentemente seria indigno de nós fôra regatear a hospedagem que o Presidente Argentino merece.

Assim as observações que fazemos a respeito dessa viagem, em nada podem diminuir a nossa cortezia.

A viagem de um chefe de estado a outro estado não se faz como a de qualquer particular, que visita a seu compadre, ou a seu amigo.

Precedem a taes visitas as consultas sobre as conveniencias reciprocas e sobre a oportunidade.

Naturalmente o Chefe Argentino sondou o terreno; communicou o seu projecto ao ministro brasileiro em Buenos Aires. O ministro por seu turno informou ao Governo do Rio de Janeiro.

Este governo então pezou o pró e o contra e resolveu aceitar a visita.

Agora mesmo o Imperador da Alemanha concerta com o da Russia a sua visita á Exposição de Paris. O Presidente da França ha de ser informado de tudo e como Chefe de Estado ponderar se é ou não conveniente.

Se a visita do illustre General Roca é util ao Brazil, não resta duvida que o Governo Brasileiro acertou na resolução que tomou; se, porém, não o é; se nas circumstanciss apertadas da Nação; toda esta ostentação é apenas miseria; se os impostos têm de crescer ainda mais — tambem não resta duvida que não ha motivo para tanto regosijo.

Não se poderia affirmar a utilidade, senão verificado e demonstrado o objectivo della.

Ora, tem se inventado varios objectivos; as imaginações não são infecundas.

Dizem uns que a viagem tem por fim consolidar a Republica Brasileira;

isso seria pungente ao nosso patriotismo e amor proprio. . .

Dizem ainda que o fim da alliança é proceder a um desarmamento, porque a paz armada arruina a todas as potencias da America do Sul. Ora essa politica é incompativel com a de resistencia á expansão da preponderancia da America do Norte, porquanto quem se desarma reduz-se á impossibilidade de resistir.

Dizem outros que tem por fim formar uma alliança defensiva para resguardar as Republicas do Continente Sul-Americano da voracidade dos Estados Unidos da America do Norte : isto provocará risadas em Nova Yorck ou em Washington. A este respeito o *Jornal dos Debates* de Paris qualifica tal alliança de *disparate*, segundo um telegramma publicado no *Jornal do Commercio*.

A projectada alliança sem duvida irritará os animos. Dos telegrammas do *Jornal do Commercio*, vê-se que nos Estados Unidos se pensa em indagar dos fundamentos da alliança, em obter favoravel tratado no tocante a farinha de trigo, e não obtendo-o elevar os impostos sobre o café. Entra pelos olhos que é ferir-nos no coração, aniquilando a prin-

cipal producção. Em todo caso os estadistas Brasileiros não devem fazer de uma hypothese talvez do dominio das chimeras, já uma realidade do dominio da politica internacional.

Se os milhões de Americanos do Norte no furor de se expandirem e de crearem um vastissimo imperio, quaes os antigos da Asia, ou de Roma, ou o moderno de Napoleão I — quizerem absorver o continente do sul, certamente não será o insignificante numero de milhões de brasileiros, de argentinos, de uruguayos, de chilenos, etc., que resistirão efficazmente á raça *yankee*, audaciosa, forte, aventureira e, sobretudo, aparelhada dos mais avultados elementos e poderosa pela opulencia de todos os capitaes. O sul será inevitavelmente engulido. Na *Imprensa* já esta questão foi ventilada e bem discutida.

Muitos pensam que se tratará de vender a divida da guerra do Paraguay á Confederação Argentina. Discutir tal hypothese fôra por certo uma imprudencia ; ella é de si mesma gravissima.

Emfim, o que parece claro é que a Republica Argentina pensa em desenvolver o mercado dos seus productos no Brazil. Mais de 16 artigos são de lá ex-

portados: só não vem assucar, largamente produzido na provincia de Tucuman. O boi vem ao mercado brasileiro de todas as fórmas. Agora mesmo um telegramma de Buenos Aires lembrava que a exportação do xarque diminuiu no corrente anno. Outro telegramma affirmava que o Dr. Alcoita, ministro argentino offerecerá um projecto de tratado de commercio ao ministro das relações exteriores do Brazil, etc.

Sem aprofundar-se este assumpto, supponmos que o principal, ou talvez o unico objectivo, é do especial e exclusivo interesse da nossa vizinha.

Se o projectado tratado assegurar o mercado, a nossa cultura agricola cada vez mais se reduzirá, e a nossa população *tributaria* do estrangeiro deverá contar com dias crueis no futuro. . .

Desde que a Republica Argentina não tem mais questões de limites a regular comnosco, a orientação dos seus estadistas é muito differente da dos estadistas de outr'ora.

Hoje a politica da utilidade commercial prevalece sobre a da gloria das lutas armadas nos campos da guerra. A Republica, imitando a Inglaterra, fará do Brazil o mercado de sua producção nacional.

Sob este ponto de vista, o illustre presidente argentino serve bem a causa do seu paiz.

Ainda assim alguns jornaes de Buenos-Aires censuraram a visita, observando que era orenosa e inoportuna — quando a Confederação Argentina luta com os rigores de uma crise quando o Sr. Pelligrini não achou credito nas praças da Europa; quando aconselha aos seus concidadãos a se esforçarem a viver dos proprios recursos e de severa economia.

Ora, se a visita é assim considerada pela imprensa argentina, de que modo nós, os brasileiros, deveremos julgar o Governo brasileiro, que aceitou a visita, que applaudio-a?

Estará o Brazil em condições melhores do que a Confederação do Rio da Prata?

Temos mais credito? A nossa vida está paga? Poderemos remil-a?

E' do nosso interesse exclusivo que se trata?

Os juroz das apolices de divida publica, ouro, porventura são pagos em dia?

As viuvaz e os ophãos recebem os juroz, que lhes deve o Estado?

O Thesouro, que incinera papel moeda o qual representa o nosso tra-

balho, não enche as arcas vasia com novos impostos bem pesados?

Os operarios não são despedidos para fazer economia? E como o suor do se despende largamente em pomposas festas?...

Ai! o povo, agoniza e a nossa Republica ouve de longe estrugir os sons lugubres de seus funeraes...

O povo, que agoniza, contempla dolorosamente as pompas, que passam...

Nem ao menos póde dizer, como o Romano, — se nos diverte, tambem se nos dá o pão...

O povo luta pela vida, afflicto pela fome; já não tem com que compre o necessario; mas vê o fructo de seu trabalho, adquirido com o suor de sua fronte, incinerado para satisfazer insaciavel credor estrangeiro!

Vê tambem arder nos sarrafos, nos bailes, nas festividades feitas á sua custa para honrar os hospedes illustres...

O povo murmura e soffre; resigna e espera.

Sem prophetisar, qualquer póde antever que os dois telegrammas bur-laram os projectos de tratados: a farinha de trigo dos Estados-Unidos — ou ha de aniquilar a lavoura do café do Brazil —

ou ficará no pé de igualdade e favor, que a da Republica Argentina: assim a visita e alliança perdurarão na historia como duas pomposas inutilidades.

IV

No regimen constitucional do Imperio tanto o velho Imperador, como o seu Governo, tinham verdadeiro culto pelas liberdades publicas e os direitos individuaes. As leis do Imperio eram cumpridas á risca, mesmo porque o Imperador constituia-se vigoroso fiscal de seus ministros. Quando algum militar, fosse qual fosse sua jerarchia, commettia algum delicto, só era preso por official de igual patente.

Emquanto esperava o julgamento, gozava, na prisão, de todas as suas honras e immunidades.

Só depois da sentença passada em julgado é que corria sorte do julgamento; da mesma fórma se procedia com os titulares e condecorados, quando mesmo as condecorações eram estrangeiras, que sob a égide salutar da lei do Imperio, tinham

todas as garantias. Relativamente aos brasileiros que gozavam de imunidades, dizia o Imperador que, os honrando, honrava o proprio credito da nação.

A Republica é o inverso, feita pelas forças armadas, tem ella por todos os meios aviltado não só os proprios militares, como os representantes da nação. Assim foi que, em 10 de Abril de 1893, por méro decreto presidencial, foram reformados *treze* presos generaes de mar e terra e com outros cidadãos, deportados para longinquas paragens, como Cucuhy, Tabatinga e S. Joaquim do Rio Branco, no extremo Norte. Elles foram escoltados por praças de pret, tendo estes dignos e distinctos brasileiros soffrido as maiores privações. As familias delles ficaram pela maior parte na penuria durante longos mezes, principalmente as dos militares que eram representantes da nação. Contra elles foi empregado extremo rigor *do terror*, hoje tão applaudido pelo republicano historico, como se ufana *de ser* o Sr. Rangel Pestana, meu conterraneo (do Estado do Rio) que, depois do 3º quartel da vida, deu para ser *carrasco*, pelo que dou-lhe meus sentimentos, mesmo porque depois daquella idade que conta sua arma dever ser um

rosario, porque a alma já está preste a ser entregue a *Pedro Botelho*, porque o Padre Eterno não recebe-la-ha mais. Infelizmente a Republica faz que os velhos percam o juizo e os obriga a vir ao Congresso prégar *taes doutrinas*. Em honra, porém, da Camara, um Deputado da Bahia, ainda moço, o Sr. Vergne de Abreu, deu-lhe uma lição de bom senso que terá feito o sexagenario a esta hora, ter a cara maior que o Pão de Assucar. Graças á Divina Providencia temos ainda moços de talento e juizo que professam são principios para reprimir os *pre-historicos*. . . O Sr. Pestana, hia me desviado da minha directriz que era a Republica e não os seus homens que combato, porque o mal é da instituição e não dos homens, mesmo porque republicanos que no Imperio puderam ser uteis e ainda prestaram bons serviços, por exemplo, o meu amigo o Sr. Dr. Salvador de Mendonça, que serviu bem como nosso Consul na America do Norte, agora na Republica foi *aposentado* á força. Essa grave injustiça, praticada brutalmente contra um excellente e illustrado republicano, exige reparação.

A monarchia, respeitando o direito, a capacidade, não a teria commettido.

O Brazil é dos brasileiros; não queremos saber se elle pertence á este ou áquelle credo; tanto mais quanto na monarchia não ha *pre-historicos*.

E' verdade que o meu illustre amigo e chefe o Sr. Conselheiro Lafayette já foi republicano quando moço e tinha sonhos máos, mas teve o bom senso de arripiar carreira em tempo e vir para o partido dos homers de criterio, e quando nos conselhos da Corôa deu as maiores provas de um alto politico e habilissimo administrador. E', pois, um *chefão*, não só pela sua intelligencia, como pela placidez de seu espirito e conhecimento dos homens e das cousas.

Se elle tivesse continuado a ser republicano, quando muito seria hoje um *pre-historico*, mas, nunca, como o Sr. Pestana.

Continuando á profligar o que disse a Republica contra os militares (seus creadores ou inventores), devo dizer que entre os que foram victimados está o meu velho amigo e chefe, militarmente fallando, porque elle já foi meu commandante superior, elle foi talvez o primeiro factor da Republica desse *azar*, de que falla o illustre Deputado pela Bahia, o Sr. Vergne de Abreu.

O Sr. Marechal Almeida Barreto é um brasileiro digno de todo o respeito; basta dizer que em 1848 assentou praça de recruta; fez diversas campanhas inclusive a do Paraguay. Sua fé de officio, que guardo na minha bibliotheca, é um primor, um documento de honorabilidade e de civismo. Voltou do Paraguay no posto de brigadeiro, tendo seu peito coberto de condecorações. Suas promoções foram todas por actos de bravura; seu comportamento é digno de ser imitado por todo militar.

Este general bravo, de certo, não partilha as idéas do Sr. Rangel Pestana, que será o unico a prégar *a tyrannia do terror*.

V

A boa administração, quer na parte propriamente politica, quer economica, devida á educação dos homens de Estado da Monarchia, foi realmente fecunda e deu como resultado o grande patrimonio reconhecidamente augmentado, do qual foi herdeira a Republica. Esta não o

soube conservar, quanto mais augmental-o.

Assim é que esses nossos *reformadores* e *prégoeiros* de *bulas falsas*, que só fallavam em governo do povo pelo povo, dizem que o Imperio legou-lhe uma grande divida externa e interna, quando é certo que para fazer face á externa tinhamos mais de tres milhões de kilometros de caminho de ferro nas provincias do Rio, Minas, S. Paulo, Rio Grande, Bahia, Pernambuco, Ceará e outras. Possuimos vinte palacios das Presidencias, vinte ditos dos Chefes de Policia, vinte das Delegacias Fiscaes; grande numero de quarteis, Alfandegas e outros proprios nacionaes, que representavam valor superior áquella divida.

Quanto á interna — esta era representada pelas terras devolutas, minas de ouro, prata, carvão, ferro e outros valores, que importavam em muito mais do que esta divida.

Hoje estas dividas augmentaram para mais do dobro. Evidentemente o grande patrimonio herdado, foi todo desbaratado e nada mais temos para garantir essa enorme divida. Como não havia de ser assim, por exemplo :

O Sr. Glicerio, quando Ministro da Agricultura, não só vendeu como fez doação aos seus amigos e parentes — não só das terras que pertenciam á União, mas tambem das que eram propriedade das princezas, terras que lhes foram dadas por acto legislativo para seus patrimonios, o que quer dizer que a Republica apossou-se muito illicitamente do que *não era seu*, o que, na linguagem vulgar, foi uma gatunagem

Não ha que estranhar, pois na orgia do regimen republicano tudo é *licito*, não ha principio de moral nem de justiça.

As minas forão doadas aos Estados, que, por sua vez, as têm dado aos amigos e compadres.

As estradas de ferro— umas foram vendidas, outras arrendadas a prazos longos.

A que nos resta— a Central— dizem que já está no PREGO.

Os proprios nacionaes forão todos TORRADOS. Até para nossa vergonha os *Arsenaes* tambem não escapam, já syndicatos preparam-se para empolga-los. As rendas das Alfandegas hypothecadas vão depositar-se nos bancos estrangeiros, mesmo porque os nacionaes não merecem confiança ao *Judeu* de Londres.

Emfim, o tal Governo do povo pelo povo tem devorado tudo, que pentence ao mesmo povo, e como *ficha de consolação*— impostos sobre o lombo para que esse mesmo povo saiba quanto é bom ter um Governo de gente que não tem o que perder, e só quer viver á custa do proximo. E' por isso que não temos credito e cada vez o cambio está como burro empacador que anda para traz em lugar de avançar.

Não temos credito e nem teremos emquanto nos governar esses homens, que representam o papel de um filho prodigo, cujo pai accumulou uma grande fortuna no espaço de mais de 60 annos para elle (o filho) desbaratar em menos de dez Já que fallei em cambio, é bom que o JOSÉ POVINHO, que é quem *paga para encher o erario publico*, saiba qual foi o cambio do Imperio, desse systema maldito, como lhe chamam *os taes hystericos*, e qual o cambio do Governo do *José Povinho* pelo *José Povinho*. Ahi vai. Vejam que progresso temos feito, e não se admirem que este anno póde ir a 5 penys, mesmo porque o inglez diz que tempo é dinheiro ou sangue, e que com doudos não quer negocio.

CAMBIO DO IMPERIO

O seguinte quadro fornece os extremos das taxas das letras bancarias particulares desde 1856

| Annos | Londres | Pariz | Hamburgo |
|----------|-----------------------------------------|-------------|-------------|
| 1856.... | 27 —28 $\frac{1}{4}$ d. | 341-354 rs. | 640-662 rs. |
| 1857.... | 23 $\frac{1}{2}$ —28 d. | 341-368 rs. | 645-660 rs. |
| 1858.... | 24 —27 d. | 352-420 rs. | 670-725 rs. |
| 1859.... | 23 $\frac{1}{4}$ —27 d. | 360-410 rs. | 740-775 rs. |
| 1860.... | 24 $\frac{1}{2}$ —27 $\frac{1}{4}$ d. | 350-392 rs. | 670-740 rs. |
| 1861.... | 24 $\frac{1}{4}$ —26 $\frac{3}{4}$ d. | 356-395 rs. | 675-730 rs. |
| 1862.... | 24 $\frac{3}{4}$ —27 $\frac{3}{4}$ d. | 345-393 rs. | 657-710 rs. |
| 1863.... | 26 $\frac{3}{4}$ —27 $\frac{1}{8}$ d. | 340-376 rs. | 646-666 rs. |
| 1864.... | 25 $\frac{1}{2}$ —27 $\frac{3}{4}$ d. | 342-380 rs. | 654-685 rs. |
| 1865.... | 22 $\frac{3}{8}$ —27 $\frac{1}{4}$ d. | 340-418 rs. | 665-775 rs. |
| 1866.... | 22 —26 d. | 367-433 rs. | 690-800 rs. |
| 1867.... | 19 $\frac{3}{8}$ —24 $\frac{3}{4}$ d. | 388-481 rs. | 735-880 rs. |
| 1868.... | 14 —20 d. | 475-652 rs. | 885-18040. |
| 1869.... | 18 —20 d. | 400-525 rs. | 900-975 rs. |
| 1870.... | 19 $\frac{3}{4}$ —24 $\frac{3}{8}$ d. | 390-485 rs. | 730-904 rs. |
| 1871.... | 24 $\frac{7}{8}$ —25 $\frac{7}{8}$ d. | 347-425 rs. | 693-793 rs. |
| 1872.... | 24 $\frac{1}{2}$ —26 $\frac{3}{8}$ d. | 358-393 rs. | 680-735 rs. |
| 1873.... | 25 $\frac{1}{8}$ —27 $\frac{1}{8}$ d. | 340-374 rs. | 410-480 rs. |
| 1874.... | 24 $\frac{3}{4}$ —26 $\frac{3}{8}$ d. | 352-385 rs. | 440-472 rs. |
| 1875.... | 26 $\frac{1}{4}$ —28 $\frac{3}{4}$ d. | 337-364 rs. | 415-450 rs. |
| 1876.... | 23 $\frac{1}{2}$ —27 $\frac{1}{8}$ d. | 352-406 rs. | 432-498 rs. |
| 1877.... | 23 —25 $\frac{5}{8}$ d. | 372-416 rs. | 462-509 rs. |
| 1878.... | 21 —24 $\frac{5}{8}$ d. | 389-450 rs. | 478-549 rs. |
| 1879.... | 19 $\frac{1}{8}$ —23 $\frac{5}{8}$ d. | 405-504 rs. | 502-610 rs. |
| 1880.... | 19 $\frac{7}{8}$ —24 d. | 398-480 rs. | 495-599 rs. |
| 1881.... | 20 $\frac{11}{16}$ —23 $\frac{1}{4}$ d. | 412-458 rs. | 508-565 rs. |
| 1882.... | 20 $\frac{1}{8}$ —22 d. | 432-465 rs. | 534-571 rs. |
| 1883.... | 21 —22 $\frac{1}{4}$ d. | 428-458 rs. | 535-565 rs. |
| 1884.... | 19 $\frac{5}{8}$ —22 $\frac{1}{4}$ d. | 425-498 rs. | 531-610 rs. |
| 1885.... | 19 $\frac{1}{2}$ —17 $\frac{5}{8}$ d. | 489-540 rs. | 605-668 rs. |
| 1886.... | 22 $\frac{5}{8}$ —17 $\frac{3}{4}$ d. | 419-555 rs. | 525-667 rs. |
| 1887.... | 21 $\frac{1}{2}$ —23 $\frac{1}{2}$ d. | 404-442 rs. | 501-549 rs. |
| 1888.... | 22 $\frac{7}{8}$ —27 $\frac{9}{16}$ d. | 407-344 rs. | 430-470 rs. |
| 1889.... | 26 $\frac{7}{8}$ —28 $\frac{1}{2}$ d. | 395-335 rs. | 418-483 rs. |



CAMBIO DA RÉ

O seguinte quadro fornece os extremos das taxas das letras bancarias particulares desde 1890

| Annos | Londres | Pariz | Hamburgo |
|----------|------------------------------------------|-------------|-------------|
| 1890.... | 26 $\frac{1}{8}$ — 20 $\frac{5}{8}$ d. | 397-337 rs. | 430-485 rs. |
| 1891.... | 10 $\frac{3}{8}$ — 21 $\frac{5}{8}$ d. | 441-866 rs. | 544-18094. |
| 1892.... | 10 $\frac{1}{8}$ — 16 $\frac{1}{8}$ d. | 590-941 rs. | 729-18166. |
| 1893.... | 10 $\frac{3}{16}$ — 13 $\frac{3}{4}$ d. | 693-945 rs. | 856-18156. |
| 1894.... | 9 $\frac{1}{16}$ — 13 d. | 733-18052. | 905-18300. |
| 1895.... | 9 — 11 $\frac{3}{4}$ d. | 811-18059. | 18002-1308 |
| 1896.... | 7 $\frac{7}{8}$ — 10 $\frac{7}{16}$ d. | 914-18211. | 18128-1495 |
| 1897.... | 6 $\frac{7}{8}$ — 9 $\frac{1}{8}$ d. | 18045-1388 | 18291-1713 |
| 1898.... | 5 $\frac{21}{32}$ — 8 $\frac{15}{16}$ d. | 18067-1785 | 18318-2204 |

Aqui está o bom governo, que nos impuzeram pelas armas; todavia não lhes quero mal por isso, porque elles, os militares foram *engazopados* pelos senhores *pre-historicos*, que agora prégam o Terror para derramar o sangue do mesmo povo, a quem elles comeram a carne e o tutano, e hypothecaram ao inglez, que ha de contentar-se só com os *ossos*, porque essa gente só largará o *osso* quando estiver limpo. E ainda alguns dizem que a desgraça da Republica, é devida a nós monarchistas, quando nem o *tutano* nos deixam. E viva o Governo do povo pelo povo.

Quando tínhamos uma dynastia, esta tudo que recebia gastava com o mesmo povo, especialmente com a pobreza. Hoje temos *muitas dynastias*, porque cada Estado tem a sua e só cuida do proprio interesse, o *José povinho* tudo vê por um canudo sem ser o da Bahia. E já que fallo na Bahia, quer me parecer que os pre-historicos estão enganados com o Sr. Luiz Vianna, pois, S. Ex. é tão republicano como eu. Dizem que elle é o candidato para o 4º *reinado*. Desde já asseguro-lhe o meu voto e dos meus amigos e correligionarios, pois, S. Ex. foi conservador educado na excellente escola de homens sérios e foi aproveitado discipulo do eminente Barão de Cotegipe, de saudosa memoria. Apresente-se Sr. Conselheiro Luiz Vianna—que terá a seu lado todos os monarchistas, pois, já estamos cançados de aturar os taes *historicos*; ou V. Ex. será o novo Presidente, ou Ministro da Justiça do 3º Reinado com R *grande*, porque o reinado da Republica é *r pequeno*. Repito, conte commigo aqui na Capital e no Estado do Rio, onde o Sr. Rangel *Terror* dos Pestanas tambem é trunfo e tambem póde contar com o o nosso *alliado* o Sr. José da Porciuncula Thomaz, que foi bom liberal e é dos nossos. Com

elle tambem virá o republicano PRE-HISTORICO o Sr. Conselheiro Paulino de Souza que é, foi e sempre será *mandachuva* no Estado do Rio pela sua numerosa familia; é uma colonia pelo seu antigo e legitimo prestigio; pela sua clientella politica desde o tempo da Monarchia. Hoje está desaviado com o Alberto por ter-se manifestado em opposição á *politica* que prevalece na direcção dos negocios estadoaes.

Sob palavra de bom monarchista, affirmo que o illustre Conselheiro não tem razão, pois, o motivo foi a dualidade da Camara Municipal de Campos

Eu, como campista e acerrimo monarchista, não me metto na briga dos *historicos*; que o Sr. Dr. Alberto Torres resolveu a questão com justiça e moralidade, não sou suspeito, pois, não tenho interesse na *contenda*.

Mas a verdade è que elle não podia ter outro procedimento, não reconheceu nenhuma das duas Camaras e como o Municipio não podia ficar sem governo, chamou a Camara anterior.

Repito; não tenho interesse nessa questão e nem desejo envolver-me nas questões dos republicanos, mas como nós monarchistas estamos acostumados a di-

zer a verdade e não enganar o povo, affirmo que nesta questão a razão está do lado do Sr. Alberto Torres.

VI

O primeiro dever do cidadão é amar sua Patria e conservar illeso o brilho de sua nacionalidade, porque a independencia de um povo deve sempre palpitar no coração de seus filhos.

O Sr. D. Pedro I prestou o mais assignalado serviço a nós brasileiros, dando-nos uma nacionalidade livre nas margens do Ipiranga com as memoraveis palavras «*Independencia ou morte*», palavras estas, que ainda hoje devem ser de nobre ufania para nós os brasileiros. Seu filho, o Sr. D. Pedro II, foi o lapidario desse grandioso diamante herdado do seu Augusto Pai, esforçou-se em dar ao Imperio uma feição toda de liberdade, e de grandeza para felicidade do povo, que tanto amava e estremecia. Por um desses azares, a que estão sujeitas as cousas humanas num momento de allucinação perdemos tudo que tinhamos de mais bello, e a liberdade, a paz,

o socego, a tranquillidade, até direi mesmo, a moralidade. No meio de todos esses infortunios fomos condemnados a supportar uma fôrma de governo, que tanto nos tem infelicitado. Com tal fôrma estamos arriscados a perder nossa nacionalidade, já tão ameaçada pelo estrangeiro avido e poderoso. Sem duvida não parece estar longe o dia em que teremos a sorte do Transwaal que, a esta hora, tem a sua independencia ameaçada pelas garras do *Leopardo*, que como um polvo já principiou a agarrar as nossas estradas de ferro e até mesmo territorio e alfandegas no centro. No extremo norte, não é menos, ameaça pelos *nossos irmãos* da America, já acostumados a conquistas. Pelo sul, por uma outra poderosa nação, que deseja alargar os seus dominios (Allemanha), e tanto assim que em todas as colonias do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande não se falla senão o alle mão e não ha escolas da nossa lingua. Ora, a lingua é um dos mais poderosos elementos da unidade e solidariedade nacional; a lingua commum de um povo é a sua alma, o seu sentimento. O governo não olha para isso, vai deixando infiltrar-se com a lingua allemã o sentimento da patria germanica. E'

preciso que se tomem medidas, que reprimam esse attentado contra nossos fóros de nação independente.

É tudo porque nos impuzeram uma fôrma de governo que não tinha um pessoal educado. Sem duvida os homens pódem ter muito patriotismo, mas não estavam preparados para dirigirem nossos destinos. Eis ahi porque chegamos á mais desgraçada situação, quer politica, quer economica. Dahi toda desconfiança que arruina o nosso credito. Dahi a falta de força moral nas classes dirigentes.

O povo já não se illude; elle já succumbe na luta pela vida.

Qual não é o seu desespero, vendo que desbarataram com os bailes e banquetes o que possuia; vendo que esta Republica em dez annos triplicou todos os impostos e creou novos, fez exagerar o custo e o preço dos generos. O Imperio, pelo contrario, poupava o suor do povo, não o desperdiçava com despezas inuteis, por exemplo—pagando subsidios de dez mezes ao Congresso, quando só deveria trabalhar quatro mezes, como a Constituição ordena positivamente.

Este é o exemplo de prodigalidade, que dão os representantes da nação, incumbidos de zelar a fortuna e

património nacionaes. Ao passo que se privam as classes populares de trabalho a pretexto de economias, o Congresso recebe por inteiro dez mezes os seus salarios para sobrecarregar o povo com impostos.

O pobre povo já não póde com o peso da carga. De onde virá o remedio? Em qualquer paiz da Europa quando os governos, lançam impostos sobre os povos, esses povos querem saber para que fim é esse sacrificio iniquo, protestam e chamam os governos á ordem, como acaba de acontecer neste momento na Hespanha. Aqui, porém, o governo elevou o imposto do sello a cento por cento, as tarifas aduaneiras a 50, 60, 80 100 e mais por cento, e o commercio ficou bem mudo e quedo, mesmo porque a nossa *Associação Commercial* não presta contas aos seus associados ha mais de *oito annos*; porque o Presidente *manquè* e digo *manquè* porque seu mandato expirou em 1891, ou 1892. Logo, juridicamente elle hoje nada representa; mas em compensação foi nomeado *festeiro-mór da Republica*. O seu tempo não chega para prestar suas contas nem apresentar relatorios, á que é obrigado pelos Estatutos. Ora, o commercio que é representado

por uma Associação desta ordem está livre de uma *penhora*.

Felizmente agora temos o *Centro Commercial*, que parece *querer* advogar a causa do *Commercio e Industria*.

A praça desta Capital, que incontestavelmente é a primeira da America do Sul, não tem um representante no Congresso, quando pela sua força e numero de eleitores, podia ter representantes não só na Camara dos Deputados, como no Senado; pelo contrario deixa seus interesses que são poderosos e importantes, serem representados por homens, cujo exclusivo e unico empenho é o subsidio. Eis porque o Governo não tem a minima consideração pelo commercio e industria. Se fosse preciso dar uma prova, basta lembrar que indo uma commissão destas classes a Palacio entender-se com o Chefe do Estado, este não a recebeu e tratou-a como quem tratava seus criados e o chefe dessa commissão foi tão submisso que não fez um protesto para salvar a dignidade da classe que pretende representar, mas em compensação quando subir o meu partido elle será nomeado Visconde *Santo Honorio*, e continuará a ser o *festeiro-mór*. No tempo do Imperio e quando era Presidente dessa Associa-

ção o nobre Conde de Tocantins (de saudosa memoria), o commercio tinha muito mais importancia e obtinha tudo quanto queria e os socios tinham todos os annos importante relatorio, cheio de dados estatisticos e outras informações que muito orientavam a essa classe respeitavel, que muito concorre para o engrandecimento nacional.

Hoje o que vemos e o indifferentismo e nada mais criminoso por parte dessa classe, que tanto podia concorrer para pôr termo a esse desmando dos poderes publicos.

VII

Nestes artigos tenho procurado concentrar, em um quadro de rapidos traços, a pintura fiel da situação moral e economica do nosso mal aventurado Brazil, que, ha dez annos, passa por um serie de soffrimentos.

Podem os *satisfeitos* applaudir com furor esta situação, mas os que soffrem, de certo não podem se conformar com esse estado de cousas horivelmente deploravel.

Perguntai ao commercio ; perguntai á lavoura, que lá na heroica terra de Minas exhalou um grito de dôr, appellando mesmo para a revolta ; perguntai a todas as classes desde os operarios até os bravos do exercito e da armada brazileira; perguntai si vivem—já não direi felizes e contentes—ao menos sem soffrimentos, sem lutar desesperadamente pela vida.

Escutai a resposta, a qual será um brado de agonia. . .

Ora, observando eu essa agonia do povo, tive a idéa de dar-lhe expressão nestes artigos. Se não soube realizar o meu intento de méro e sincero patriotismo, e da minha fé robusta, de que só outra fórma de Governo remediará todos esses males, soffrimentos e agonias, é fóra de toda duvida que faço um serviço á causa publica, agitando-os para que os competentes tenham o civismo e a coragem de vir dizer a verdade núa e crua á Nação Brazileira.

Pouco importa que, ás escondidas, nos cochichos os maldizentes me censurem e critiquem. Eu bem sei que para atacar certa ordem de cousas é preciso ter audacia ; eu bem sei que nem todos ousam tel-a.

Muita gente tem receio de apontar

os erros do Governo da Republica. A imprensa mesmo ainda não esqueceu as scenas de canibalismo, pelas quaes passaram outr'ora a—*Liberdade*, *Gazeta da Tarde*, *Apostolo* e o *Jacobino* e sobre tudo isso ergue-se ensanguentado o triste espectro de Gentil de Castro... Graças á Deus, a tyrannia dictatorial já não está na moda. O Governo actual tem outro respeito, outra pratica por uma Constituição (de 24 de Fevereiro), que concede e garante aos cidadãos brasileiros o uso e direito da manifestação e da liberdade de pensamento.

Tendo podido publicar estes artigos — não só estou usando de um direito constitucional, mas ainda estou mostrando de facto que a Republica mantem, observa e acata esse direito de liberdade de pensamento, consagrado em sua propria Constituição.

Evidentemente a Republica não tem culpa de terem os cidadãos medo de usar dos seus direitos. Em nosso paiz, força é confessar, o cidadão não quer nem sabe sel o. O *egoismo* o domina. Vêde, por exemplo se o eleitor quer incommodar se para ir ás urnas.

Vêde como estas ficam abandonadas !...

Assim é a respeito do direito de resistencia ás ordens illegaes e violadoras das leis.

Eu por minha parte quero usar dos meus direitos ; já tenho ouvido dizer por doutos e illustres jurisconsultos meus chefes, que quem usa de seu direito não faz injuria a ninguem.

Se cada um disser o que pensa, naturalmente os executores da lei deverão escutar e evitar, ou reprimir varios abusos, que clamam reparação. Que é que deve ser a base do governo republicano ?

Não deve ser, senão o sentimento do dever, a fé no Direito, na Justiça e na inviolabilidade da consciencia humana. A nossa Republica tem por base estes sacrosantos principios ? Não. Só a pratica poderá demonstrar. Esperemos , emquanto, porém, esperamos aquelles mesmos, que me censuram e criticam, hão de fallar com os seus botões «tudo que estes artigos dizem, é a pura verdade; infelizmente bem poucos arriscam-se a dizel-a e menos a escrevel-a.

Sim, isto é o que no seu intimo todos sentem muito embora os malignos e os GAROTOS me censurem não lhes dou importancia.

O que eu respeito é o juizo da gente séria e de boa fé, que aprecia aquillo que se escreve pelo valor intrinseco, pela razão e pela Justiça. Quanto aos *espachins* da imprensa, podem estes se divertir ao seu gosto ; elles têm o espirito alvar...

Sim ; nos occuparemos dos *funeraes* da Republica. Vamos, pois, ensarilhar armas e deixar passar aquella cousa *damnada*, que tanto mal tem causado á nossa patria. . . passe esse *esquife coberto* de maldições. Mas antes é preciso que o publico conheça o conteúdo de uma carta, que nos foi dirigida por um amigo, illustre brasileiro, que actualmente está na America do Norte ; diz :—«é aqui muito commentada uma novidade na qual não creio, mas não devemos desprezar : em todas as rodas do alto e do baixo commercio afirma-se e discute-se que os nossos estados do Pará e Amazonas em muito breve estarão annexados a America e quando não possa ser, estes dous Estados constituir-se-hão em uma Republica independente sob o protectorado da America do Norte.»

Eu já previa essas novidades, mas contava que os brasileiros ainda tivessem muito patriotismo ; mas ouvi sempre me

responderem «que os americanos já tinham assucar com a conquista de Havana, mas que precisavam de borracha e que essa virá com esses dous Estados do Brazil». Repare o povo brasileiro que o nosso Brazil está a representar o papel da China, que os grandes *Leopardos* da Europa querem dividir Isso está para nos acontecer. America pelo Norte, Allemanha pelo Sul e Inglaterra pelo centro.

Entretanto os nossos homens, em vez de cuidar dos seus deveres, estão á dar *bailes* e a DESBARATAR as finanças em uma quadra em que o paiz inteiro luta com uma crise, que opprime a população. Não poderia escolher-se peor occasião para o Governo fazer tanta ostentação á custa do suor, das lagrimas e da agonia do povo...

Passe em seus funeraes o esquife da Republica de 15 de Novembro.

Ella nasceu amaldiçoada, violando a Justiça e calcando aos pés as instituições, que erão sagradas e caras á Nação.

Ella morrerá pela inepsia de seus medicos, que a assassina.

Os seus sectarios farão della o instrumento da banca-rota do paiz e da demolição da unidade nacional.

VIII

A primeira condição de um povo, cuja sociedade quer ser bem organizada, é o ter um governo de reconhecida moralidade, e honestidade, mesmo porque geralmente os actos dos governos refletem sobre os povos, quando estes são bons são um ensino para o mesmo povo, e quando máus só concorrem para o desprestigio dos governados. Estas idéas passaram-me pela mente por causa do desmando e pouca moralidade dos governos da nossa Republica, que parece primar em dislates, que altamente a desacreditam.

E' o proprio actual ministro da Fazenda que em seu relatorio diz á folhas 3 e 3 V — que o ex-ministro da Fazenda, o Sr. Bernardino de Campos, emettio sem lei, que o autorisasse a somma de *cento e dez mil contos*: sendo pela primeira vez *setenta e cinco mil contos* e pela segunda *trinta e cinco mil contos* sob pretexto de serem emprestados ao Banco da Republica !!!

Ora, tal pretexto não autorisava a praticar tão grande crime, e digo crime porque o nosso Codigo Penal estatuiu o

seguinte no art. 240 : — fabricar ou falsificar qualquer papel de credito publico, que se receba nas estações publicas como moeda, pena de prisão cellular de dois á oito annos.

Tambem o art. 244 pune com pena de prisão cellular de um á quatro annos os membros e empregados da Caixa de Amortização se deixarem ou consentirem que saia da mesma Caixa *qualquer* somma, a não ser para troco ou effeito de substituição, ou para ser entregue ao Thesouro Publico, em *virtude de lei* que *autorise* tal entrega.

A' vista da disposição legal, o ex-ministro, Sr. general Bernardino de Campos, os Srs. Directores, os empregados da Caixa de Amortização commetteram o delicto previsto nos arts. 240 e 244 do Codigo Penal. E' evidente que um paiz que tem um Governo que não respeita e se submete á lei, que commette crimes desta ordem, é um paiz em decadencia e perdido. Com esta norma, como querem que o cambio suba? Neste ponto o Sr. J. Murтинho procedeu bem não encampando esse *crime* de seu antecessor. Outro virá denunciar o Sr. Murтинho tambem pelo seu systema de cremação do papel-moeda.

Dizem que sua S. Ex. queima com a direita, mas emite com a esquerda. Infelizmente já não ha que admirar, porque esta Republica tem andado sempre fóra da lei. Bem diz o rifão—« o páo que nasce torto nunca se endireita ». O que faz pasmar é quererem que o povo esteja satisfeito com taes Governos!

No imperio, alguns ministros entravam para o ministerio ricos e sahiam pobres; na Republica é provavel que a cousa não seja assim. A moralidade tem outra praxe e outra regra.

Já que fallo em Republica devo dizer que a peste bubonica—sua irmã gêmea, que neste momento nos visita, persegue os *ratos* e a nossa Republica engorda os seus, que ainda são mais nocivos ao paiz. Sem duvida é preciso que o povo dê cabo de uns e outros, do contrario ficaremos roidos e mortos. E' preciso tambem não esquecer que esse mesmo Sr. Bernardino de Campos era em S. Paulo advogado do Banco União, que reclamava do Governo (por lhe ter suspendido a emissão) a somma de pouco mais de mil contos; porém o advogado, que passou a ser ministro da fazenda, mandou-lhe pagar não os mil contos, mas seis mil e novecentos e tantos contos!!!

Já se vê pois que foi bom patrono da causa ; isto é facto publico e notorio : o proprio Sr. Prudente de Moraes, que foi a unica cousa boa que esta Republica produziu, lastimou que o Sr. Manoel Victorino consentisse em tal ; todavia assim era preciso, pois o Banco Emissor da Bahia tambem tinha patrono e tambem recebeu *sete mil contos* ; era preciso que o *patrão e caixeiro* estivessem de pleno *accôrdo*.

Ora o povo, que sabe desses arranjos, não deve estar contente, quando vê seu suor assim devorado, para depois ir-se para S. Paulo ser capitalista e viver-se como nababo e outro ir viajar Europa, em viagem de recreio.

Eis a verdade ; mas não queiram que o paiz prospere e tenha credito, quando são elles os primeiros a lhe cavar fundo descredito.

Ora, a instituição já por si é tão má ; é o caso de dizer-se :—Viva a monarchia, que nunca teve *procuradores* desta ordem , mas em *compensação* conhecem bem e praticam a chimica de aggravar os impostos, que o povo esmagam. O povo, que parece habituado a se submeter, ás vezes como camello, atira com a carga no chão. Elle ago-

nisa, mas os seus governantes riem e vivem felizes, preparando os funeraes da Republica.

Eu bem sei que estas verdades duras e crúas irritam, e raros, bem raros, têm a coragem de dizel-as ; é por essa indifferença ou geral covardia que a causa publica periga. Aquelles mesmos que em particular pensam como eu, reprovam publicamente os meus escriptos : mas, como eu não espero agradar e só desejo, pela minha parte, fallar pelo que é justo, pouco se me dá das censuras de uns, dos motejos e das iras de outros. Tenho ouvido contar que no momento de certa batalha, um almirante inglez dizia aos companheiros de armas :— «A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever.»

Eis ahi tudo : cumpra eu meu dever civico ; os outros que façam o que entenderem.

IX

Nos paizes novos de grandes territorios cheios de riquezas naturaes, è dever

do seu governo procurar desenvolver essas riquezas e povoar o solo para assim tirar da terra não só tudo que possa aproveitar a alimentação publica como mesmo para exportação,—só devendo importar o que não possa produzir, pois, na grande exportação repousa a sua grandeza.

Em verdade a economia que um paiz que tudo importa e que só vive das rendas aduaneiras, nunca passa de uma colonia explorada pelas grandes nações, pois, cada conto de réis, que cobramos de direitos nas Alfandegas, são cinco ou seis contos em libras sterlingas, que temos de pagar aos estrangeiros, o que concorre para o desequilibrio da balança commercial e do cambio internacional.

O que tem feito o governo republicano para desenvolver as nossa forças productivas? Nada.

Herdou do Imperio tudo mais ou menos organizado, o sólo já bastante povoado, a viação bastante desenvolvida nas provincias do Rio, Minas, S. Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande e Ceará e outras já em começo; o serviço da immigração feito methodicamente e a contento dos immigrants.

E tanto assim era, que os proprios immigrants attrahiam os seus parentes e patricios para vir para o Brazil, como, por exemplo, nas provincias de S. Paulo, Rio Grande, Santa Catharina e Espirito-Santo. E' verdade que no anno de 1888, a lavoura passou por grande abalo com a libertação dos escravos, mas foram taes os esforços do benemerito Ministerio *Ouro Preto*, em auxiliar a lavoura, que esta digna e respeitavel classe atravessou a crise horrenda, portanto, a lei libertou o nosso solo do trabalho forçado e expurgou o Brazil da mancha—de paiz de escravo. A nossa instrucção publica já tinha attingido a certo gráo de prosperidade, já tinhamos um corpo de engenharia que muito honrava nossa terra e que prestava grandes serviços, quer nas commissões do governo, quer na industria privada.

Tudo foi desorganizado em menos de dez annos, nem sequer souberão conservar o que herdaram, quanto mais augmentar—desgraçados filhos prodigos !... Vejam que o desgosto é geral. A lavoura de Minas, S. Paulo, já deram o grito de *agonia* e vão entrar na politica para assim mandarem ao Congresso representantes seus como represalias a esses *prorogados*

que só pensam no *subsídio*. E' de suppôr que outros Estados façam o mesmo. Quanto ao commercio—este bôbo alegre—só serve para pagar e dar banquetes e bailes aos prodigos que arrogaram-se dirigir os nossos destinos. Ainda assim parece que já está disposto a largar a carga e tomar novo rumo. As industrias estão ainda em estado quasi que primitivo e não pôdem medrar oneradas de imposto. E' no meio de tanto desanimo, e direi mesmo desgraças, que ainda o governo por sua inercia e descuido deixa-nos entrar a peste bubonica para liquidar-nos de uma vez. Digo inercia e descuido, porque desde Julho que appareceu a peste em Portugal, e desde este momento o governo devia fechar os portos da Republica como consta que isso propoz o Chefe da Saude Publica, mas a Republica que é irmã gemea da peste bubonica, tinha interesse que sua irmã nos viesse devorar, não para nos castigar ainda mais, como para ter motivo para abrir creditos extraordinarios, como já deu principio, continuando assim o esbanjamento da fortuna publica.

Já que fallei em engenharia, não devo esquecer de dizer que ha mais de 500 engenheiros desoccupados por falta

de trabalho, e com elles milhares de homens que se empregavam nos trabalhos de estradas de ferro e industrias correlatas.

E' uma verdadeira tristeza ver uma classe tão util e necessaria condemnada em seu paiz a não ter trabalho. Como não ha de ser assim, pois, os homens da Republica, que só vivem do erario publico venderam e arrendaram as estradas de ferro aos estrangeiros, que trazem pessoal seu e a nossa engenharia que vive do ar, ou que vá plantar batatas.

Um pobre pai, que gasta 15:000\$, ou 20:000\$, para mandar formar engenharia um filho, convencido de que em um paiz novo, como o nosso, essa carreira é de futuro, e depois vê o filho trocando as pernas por falta de trabalho, não póde deixar de amaldiçoar essa gente, que tanto nos tem *desgovernado* por falta de juizo e de tino administrativo.

Senhores republicanos, somos todos brasileiros, tenham mais patriotismo. Os senhores não servem para governo; não têm o preparo preciso; não pódem fazer a felicidade da Patria; não continuem a acabrunhar mais este pobre povo, já agonizante, entreguem a casa aos seus donos, então nós lhes garantimos bem

estar, socego, tranquillidade, paz e grande prosperidade para nosso paiz; pois, nós monarchistas, temos a nosso favor um passado bom e honesto; temos mais a nosso favor todas as classes conservadoras; temos credito mesmo, porque os Srs. Rothschilds são hoje nossos chefes, e têm dito que para os senhores nem mais uma de X, e que para *a gente velha* tudo quanto quizer, mesmo porque elles (os velhos) prestaram sempre boas contas e têm juizo. Evidentemente estão perdendo seu tempo e fazendo a desgraça da Patria, ponham as chaves *debaixo da porta* e retirem-se, que nós salvaremos o paiz. Muitos dos senhores serão aproveitados na nova ordem de cousas, pois, é fóra de duvida que os senhores arruinarão tudo, se deixarem ainda pódem dar alguma *sorte*, pois, o Prudente irá para o Conselho de Estado (por ser o melhor de todos), o Glicerio irá para Consul em *Serra Leôa*, o nosso actual Presidente será nomeado Duque do Banharão, mesmo porque S. Ex. tem mais geito para aristocrata do que para democrata, e dará um titular magnifico.

Eis ahi o que resta a fazer. Tenham as virtudes do patriotismo; retirem-se em paz e dêem graças infinitas ao céo.

X

O advento da Monarchia é factó que se impoem pela força das circumstancias, não porque os monarchistas tenham feito esses esforços, que em verdade não são precisos, porém, sim, pelo modo por que os homens do actual Governo vão distribuindo *justiça e administrando*.

São elles os melhores elementos promotores da restauração. São elles os primeiros a destruir a obra de 15 de Novembro. São elles os maiores carascos deste pobre povo, que já não sabe como viver.

São elles, pela sua pessima orientação, que trouxeram o cambio a menos de 7.

São elles, finalmente, os maiores e permanentes inimigos do actual regimen.

Não póde deixar de ser assim, porque a Republica não póde fazer a felicidade desta grande Patria.

Creada e alimentada por longos annos pela fórma monarchica — verdadeiro governo do povo pelo povo, e para o povo, governô de responsabilidade ministerial, governo de moralidade administrativa, governo que só faz o bem pu-

blico, governo barato, governo da confiança da Nação e do estrangeiro, governo da razão, enfim, governo patriarchal, que por longos annos fez a felicidade publica e deixou um grande patrimonio, que foi desbaratado em pouco tempo pela *republica*, a qual nada tem feito que a possa recommendar perante á posteridade, a qual só cuida de decretar impostos para sobrecarregar o povo.

Haja vista o novo orçamento, que traz em seu *bojo* cerca de (50.000:000\$) *cincoenta mil contos de impostos*, que serão cobrados em Janeiro proximo.

Pobre povo, infeliz lavoura, malaventurado commercio tão sobrecarregado pelo Congresso dos *prorogados* que, com suor dessas classes vão passando a vida folgada com seus 75\$ por dia, ganhando tal *jornal* não para legislar em bem da Nação mas bem de seus interesses. Tudo contra o povo,

Esses Srs. *silenciosos* da Persia não tiveram patriotismo. *Devem fechar essa taverna*, devem ir pregar em outra *freguezia* e fazer elegerem-se ou nomearem-se para nova legislatura ; deixando-nos gozar esse fim de século em paz.

E' de suppor que, no novo seculo, já os senhores não virão fazer mais a

nossa *felicidade*. Sim, vão gozar do que ganharam e lembrem-se do mal que fizeram a esse povo tão submisso e digno do Governo que tem.

Mas como a justiça divina pôde tardar, sendo infallivel e certa, pôde muito bem ser que esse povo tão martyrisado, ainda venha a ter dias felizes e tenha sua hora de regeneração, tendo um Governo patriota de reconstrucção nacional, que, composto de homens praticos e de valor moral e intellectual, venha reconstruir o paiz, salvando-o da *banca-rôta*, cuidando dos interesses da Lavoura, Commercio e Industria, que são as classes dirigentes e aquellas, que trabalham para encher o nosso organismo financeiro, apoiando-se nas classes conservadoras e não em *devoradores* dos orçamentas, em *patriotas* que só cuidam de *si* e dos *seus*.

Os illustres Deputados os Srs. Serzedello Corrêa e Enéas Martins, em artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 8, sobre a politica do Pará, concluem, dizendo :

« Se a Republica tem de ser sso, a quietude apodrecida do pantano, a subserviencia resignada do galé, a ordem lugubre das necropoles, a odienta divisão

dos filhos de uma mesma Patria em proscriptos para todo o sempre e em olygarchos que só a revolução affrontosa pôde sorprehender e derribar, mais vale, então, que *regressemos* em nome da consciencia e da moral.»

A' vista do que dizem, mostram que o arrependimento é proprio do bom christão.

SS. EEx. voltam para a Monarchia; que serão bem aceitos, mesmo porque no meu partido ha lugar para todos os brazileiros; nelle todos têm largo campo para suas aspirações, quer na politica, quer na administração, quer na diplomacia, quer nas lettras, emfim a Monarchia é uma instituição tão boa que dá para tudo, (quero dizer o bem).

Venha, pois, para cá a rapaziada intelligente, que será recebida de braços abertos e será aproveitada toda aptidão, tanto mais que o illustrado Sr. Dr. Serzedello Corrêa já foi meu alliado, e bem me lembro do que S. Ex. disse no dia 16 de Maio de 1888 no então Imperial Theatro D. Pedro II, em uma festa abolicionista.

Dizia então o joven capitão, dirigindo-se ao camarote, onde estava a nossa futura Imperatriz:—Senhora, o vosso

Throno será tapetado com as nossas fardas, digo, não só no meu nome como no de minha classe (o exercito).

Estas palavras do joven capitão foram cobertas pelas salvas de palmas de todos os presentes, inclusive quem escreve estas linhas, que foi, é e será sempre o mesmo.

Seja bem vindo ; venha, meu illustre correligionario, que não só será restituído na sua patente de tenente-coronel como desde já lhe garanto sua promoção a coronel e ainda mais se eu for nomeado Presidente para a provincia do Pará; quando (fallo *Provincia*) é territorio e não jornal.

Prometo -lhe elege-lo senador; quanto á escolha,—essa pertence a nossa Imperatriz, que bondosa, como é, se lembrará daquella promessa, que não foi cumprida, mas, que ainda poderá ser, mesmo porque S. Ex. hoje é homem pratico e tem experiencia do que valle a Republica, do que valle uma condecoração no peito de um official catita como S. Ex., e como S. Ex. terá no exercito o mesmo posto, que tenho na nobre e distincta milicia civica—o de coronel; ficaremos com os nossos peitos cheios de condecorações inclusive a da futura or-

dem de D. Pedro II, que será a mais nobre do 3.^o *Imperio*; e tão bonitos ficaremos que havemos metter inveja ao nosso amigo o Sr. General Pires Ferreira, mesmo porque as delles não vingaram e morreram na 3.^a discussão.

Já que fallo no nosso amigo o Sr. General Pires Ferreira, pretendo agracial-o com o titulo de *Conde de Theresina*, e o mesmo pretendo fazer com outros amigos, pois, o 3.^o *Imperio* terá um apoio na militança correspondente á dedicação, quasi unanime, que o povo tem pela dynastia do fundador do Imperio, apoio, que não manifesta pelo temor da compressão e violencia.

A nação brázileira está por demais convencida que um povo sem religião nada vale. Já que fallo em religião devo dizer que se continuar a Republica, o Brazil será inhabitavel daqui a vinte annos, pois, estes moços, que hoje têm doze a vinte annos, que nos terão de governar mais tarde, são, quasi todos, com raras excepções, contistas, jacobinistas, espiriritistas, Florianistas, creados e educados sem religião nem educação civica, o que farão quando forem governo?

Não deixarão ficar pedra sobre pedra : Santo Deus, quantas desgraças,

quantas vinganças, quantas maluquices não serão praticadas?!

Felizmente já sou velho e elles não me apanharão mais, porém, os meus filhos, que têm sido educados nos principios religiosos, no dever civico, e nos principios, que sempre professei, terão de soffrer muito, todavia, como a fé é tudo no homem, ainda espero que a nova rapaziada salvará o futuro da Patria e será regenerada e que as *taes* idéas sejam postas á margem, assim Deus queira; amen.

Concluindo esta série de artigos cumprimento os meus adversarios de hoje e espero que fiquem meus correigionarios, porque na Monarchia me encontrarão sempre a seu serviço.

MALVINO REIS.

Rio, 13 de Novembro de 1899.

MZ/126

02103 C25 JIDA

